

I Pacificamente ancorado

Em 2 de dezembro de 1889, o *Equator* parou a 190 milhas do seu destino, sem conseguir avançar. O pequeno navio mercante, de menos de 70 toneladas, balançava sem sair do lugar no mar agitado. Rajadas de vento de todas as direções chocavam-se contra a vela que tremulava, e chovia forte num calor de 40 graus e cem por cento de umidade. Isso não era clima para um escocês de pulmões doentes como Robert Louis Stevenson; se tivesse escutado seus médicos, teria ido se tratar na atmosfera alpina fria e seca do sanatório de Davos, onde já tinha passado dois invernos e quase se curara. Em vez disso, estava sentado com as pernas cruzadas sobre a prancha úmida debaixo do convés, fumava um cigarro atrás do outro e escrevia uma carta a seu amigo de infância Sidney Colvin, professor de arte em Cambridge. Ele estava descalço, usando apenas uma calça listrada em preto e branco e uma camiseta sem mangas; uma faixa vermelha estava amarrada ao redor dos quadris. Ao seu lado, sua mulher, Fanny, mareada, dormia um sono inquieto, e ao lado dela, imerso na paz juvenil de seus 21 anos, estava Lloyd Osborne, filho do primeiro casamento de Fanny. O navio exalava um cheiro forte de coco, e fervilhava de piolhos e baratas do tamanho de um polegar.

“O final de nossa longa viagem se aproxima. Chuva, calmaria, uma rajada, um estouro — e o mastro da proa se foi; chuva, calmaria, uma rajada, e a bujarrona já era; ainda mais chuva, ainda mais calmaria e mais rajadas; um mar extremamente mexido o tempo todo, e o *Equator* dança como

uma andorinha na tempestade; debaixo do convés forma-se um grande ambiente único, coberto por corpos humanos molhados, e chove a cântaros sobre a coberta gotejante. Fanny se mantém muito corajosa em meio a 15 homens. [...] Se tivéssemos um vento decente, estaríamos em Apia amanhã na hora do jantar. Mas ficamos balançando sem sair do lugar sem a menor brisa, e então o sol também volta a queimar sobre nossas cabeças e o termômetro marca 32 graus...”¹

Havia um ano e meio que Stevenson estava percorrendo o Pacífico, tinha visitado as ilhas Marquesas, o Taiti, o Havaí e, por último, as ilhas Gilbert, escrevendo reportagens de viagens para revistas americanas. E a insatisfação era geral: os leitores das revistas estavam decepcionados porque o autor de *A Ilha do Tesouro* lhes impunha relatos tão enfadonhos e pedantes; os editores estavam decepcionados com o fracasso nas vendas; e mesmo para Louis o trabalho era uma obrigação penosa, por cujo fim ele ansiava. Queria voltar para casa, primeiro para Londres, depois Edimburgo. Naquele tempo ele não fazia quaisquer planos de permanecer em Samoa. E nada indicava que, apenas seis semanas mais tarde, aos 39 anos, ele investiria todos os seus recursos disponíveis na compra de um terreno num matagal intransponível e que lá passaria o resto de sua vida. Muito pelo contrário.

“Não quero passar muito tempo em Samoa. Até onde posso prever, devo concentrar meus estudos sobre a história recente da guerra. [...] É possível, ainda que improvável, que faça uma visita rápida a Fiji ou Tonga, ou mesmo a ambas; mas a impaciência de revê-los é crescente, e quero estar na Inglaterra no máximo em junho. Se Deus quiser, voltaremos para casa por Sidney, Ceilão, Suez e, quem sabe,

Marselha. Devo ficar um ou dois dias em Paris, mas ainda estou longe de tudo isso; embora cada vez mais próximo! Tão próximo que já ouço minha sege trepidando sobre a Endell Street. Vejo como a porta se abre, e sinto como desembarco e subo a escada monumental e — salve! — estou novamente em casa!”²

A calmaria durou mais três dias. Apenas na manhã de 7 de dezembro de 1889, no 26º dia no mar, avistou-se Upolu, principal ilha de Samoa, montanhosa, longa, estreita e coberta por uma selva fechada. Da terra vinha um cheiro de óleo de coco, de fogueiras, de flores tropicais e de fruta-pão, que estava sendo cozida sobre pedras quentes de basalto. A baía do porto estava delineada por uma única rua, coberta por pedras brancas de corais. Nessa rua, meio escondida por uma fila dupla de coqueiros, ficava a capital, Apia: algumas dúzias de casas de madeira pintadas de branco, quase todas ocupadas por europeus, a maioria alemães. A maior construção era a sede da “Sociedade Alemã de Comércio e Plantio para as Ilhas do Pacífico”, originária de Hamburgo, mas com sede em Apia, que dominava o mercado de coco do Pacífico. Vizinhos a ela havia alguns telhados de metal ondulado, depois o consulado alemão, o inglês e o americano, seguidos da ordem francesa de padres católicos apostólicos romanos e algumas igrejas em pedras vulcânicas, bem como a agência dos correios, que ostentava uma tabuleta com a inscrição “Agência postal do Império Alemão”, e mais cinco ou seis mercearias e lojas de utensílios domésticos. Isso não se parecia com uma cidade; antes com um balneário um tanto improvisado. Havia seis espeluncas e bares, que serviam gim, conhaque e soda, além de cerveja alemã (Flensburger e Pschorrbräu, a garrafa vendida por um marco e cinquenta, dinheiro alemão); mais adiante

um salão de bilhar e uma padaria, assim como duas oficinas de ferreiro e duas instalações de debulha de algodão. Fora da cidade, ficava a choperia “Lindenau”, cuja cerveja Pschorrbräu estava sempre agradavelmente gelada se o navio postal de São Francisco tivesse trazido sua carga mensal de gelo, e lá por perto o clube de boliche alemão mantinha sua pista. Naqueles anos, porém, a atração mais importante de Apia era o antigo carrossel a vapor no porto, última reminiscência de uma trupe americana de atores, que se desfez ao vento ao ser abandonado quando o diretor não conseguiu mais pagar os salários aos membros da companhia. Um dono de bar francês ficou com o carrossel por uma pechincha, e a partir daí ele funcionava todo fim de semana. Por 25 centavos, os jovens da cidadezinha ofereciam às namoradas uma volta em um leão selvagem ou em um nobre corcel, e enquanto o carrossel girava, o órgão anunciava sem parar que o coração dos homens é uma colmeia.

Quando o *Equator* entrou no porto perpassado por recifes de corais, alguns samoanos vieram a seu encontro em elegantes canoas, estreitas e leves. Eles cantavam, como cumprimento, canções saudosas e alegres em sua bela língua, que soava como italiano para os colonizadores alemães, e o ritmo ditava como os remos eram tocados na água. Os homens eram grandes e fortes e tinham tatuagens finas, parecidas com telas, dos quadris até os joelhos; parecia que usavam calções escuros longos debaixo de seus aventais. As mulheres traziam flores de hibisco no cabelo, e sua tatuagem era leve, com pequenas estrelas nos ombros, na barriga ou na panturrilha. Às canoas seguiu-se uma barcaça europeia; um homem grande, de chapéu-panamá, olhos azuis brilhantes e terno de linho branco estava em pé na proa.

Era o americano Harry J. Moors,* que vivia em Apia há 14 anos, mexendo com tudo o que de alguma maneira pudesse ser comprado e vendido. Arranjava cerveja australiana para os colonizadores alemães, lagostas da Nova Zelândia para os franceses, vinho tinto bretão para os ingleses e armas de fogo e algodão tingido para os samoanos. Vendia coco e abacaxi para o mundo todo e intermediava imóveis, cavalos de corrida, passagens de navio e créditos bancários. Harry Moors tinha várias filiais em outras ilhas e conhecia deus e o mundo no Pacífico Sul. Mexia secretamente seus pauzinhos na política colonial, contrabandeava armas para os rebeldes, organizava lutas e apresentações teatrais e acabaria administrando o primeiro cinema de Apia. Ele conhecia todas as fofocas dos trópicos, e evidente que sabia há muito tempo que Stevenson estava para chegar. Seu velho amigo Joe Strong, com quem havia passado várias noites de bebedeira no Havaí e que, por acaso, era o genro do poeta mundialmente famoso, tinha lhe pedido por carta para dar alguma atenção aos sogros durante as duas semanas que pensavam passar em Samoa. Ninguém imaginaria que as duas semanas se transformariam em vários anos. Quando a barça de Harry Moors atracou lateralmente junto ao *Equator*, os Stevenson rapidamente desceram até ele pela escada de bordo. Depois de breves cumprimentos, Louis pediu que fossem a terra sem esperar pela bagagem. Estavam navegando por quase quatro semanas e não viam a hora de finalmente sentir o chão firme debaixo dos pés. Harry Moors conduziu o barco com cuidado entre as carcaças de ferro de quatro navios de guerra, que ornavam a entrada do porto como bizarros monumentos.

* H.J. Moors (1854-1926) chegou em 1875 a Samoa como funcionário da Associação Comercial Alemã. Atualmente seu neto Patrick Moors dirige o Hotel Betty's em Apia. (N. do A.)

Nove meses antes, em uma noite de tempestade, os navios tinham embarcado em consequência da teimosia colonialista e da irresponsabilidade militar. Aconteceu assim:

Desde meados do século XIX, os povos de Samoa lutavam uma guerra sangrenta e fratricida. Para tanto, precisavam de armas, que os comerciantes alemães prontamente lhes forneciam — em troca da propriedade de terras, noção desconhecida aos samoanos. Em março de 1870, por exemplo, o escritório comercial Godeffroy & Companie, de Hamburgo, adquiriu na ilha principal Upolu, em Salefata, 1,3 quilômetro quadrado de terras, seus coqueiros, árvores de fruta-pão e um pequeno rio de água potável de primeira classe, a preço de uma pistola Snider e cem balas de munição — um negócio ainda mais vantajoso, pois a pistola vinha da sua própria fábrica de artefatos bélicos na Bélgica. Dessa e de outras maneiras semelhantes, a Godeffroy & Companie amealhou, em poucos anos, mais de cem quilômetros quadrados de terras, cerca de um quinto de todo o solo cultivável de Upolu. Assim, a ilha principal estava de fato em mãos alemãs, e a jovem potência colonizadora alemã assumiu o reinado da ilha como “território protegido”. Tanto os chefes rivais samoanos quanto os colonizadores do Pacífico, Estados Unidos e Grã-Bretanha, rebelaram-se frente a isso. Quando o chanceler do *Reich* Otto von Bismarck reforçou os interesses alemães por meio do envio de três navios de guerra, o presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, despachou uma esquadra para Samoa. Assim, em março de 1889, nove meses antes da chegada de Stevenson, havia seis navios de guerra no porto de Apia: a fragata norte-americana *Trenton*, acompanhada pela corveta *Vandalia* e a canhoneira *Nipsic*; do lado alemão, a corveta *Olga* e as canhoneiras *Adler* e *Eber*. O mundo prendia a respiração na expectativa da tensão que

desencadearia a primeira guerra teuto-americana. Com alguns dias de atraso, em 15 de março, chegou ainda a fragata britânica *Calliope*, a fim de marcar a presença da rainha Vitória. Como o porto já estava bem cheio, a *Calliope* teve de ancorar na entrada, bem distante — uma humilhação que logo se revelaria proveitosa. Certa tarde, subitamente, os guinchos das gaivotas cessaram, o céu se tingiu de verde e todos os animais se esconderam no mato. Os capitães dos sete navios de guerra observavam preocupados como o barômetro caiu drasticamente para inéditas 29,11 polegadas de mercúrio. Todos concordaram que um furacão de imensas proporções estava se aproximando e que a única coisa sensata a fazer seria garantir a segurança das fragatas, corvetas e canhoneiras levando-as para o mar aberto. Mas o almirante americano Lewis A. Kimberley decidiu não sair do porto enquanto os alemães estivessem por lá. Por sua vez, o juramento do alto comandante alemão Ernst Fritze prestado ao imperador e à pátria o impediam de ser o primeiro a escapar do porto. Nessa situação, uma conversa franca teria sido útil, vital até; para isso, porém, faltavam a ambos os lados, em primeiro lugar, vontade, e em segundo, capacidade. O capitão Fritze era um homem reservado, que mal falava inglês e por isso não tinha como se aproximar do comandante americano. O americano, no entanto, também não dominava o alemão, mas, apesar disso, considerava o desconhecimento do inglês uma ofensa pessoal — assim, todos os seis navios alemães e americanos permaneceram entregues ao destino no porto, esperando o furacão a uma proximidade mortal dos bancos de coral. Durante a noite fez-se um silêncio pavoroso. O mar estava como chumbo derretido na baía. Os nativos puxaram seus barcos para a terra; tinham sido avisados há muitas horas, desde que milhões de baratas e formigas entraram em

suas cabanas à procura de abrigo. O comandante da fragata britânica teve um estalo de último minuto e fugiu para o mar aberto, onde seu navio deveria resistir ileso à tempestade. Na noite seguinte, porém, um furacão abateu-se sobre os alemães e os americanos, empurrando uma maré assustadora para o porto norte da ilha. Ondas violentas quebraram nas praias, espuma e água invadiam a terra por centenas de metros sobre as rangentes casas de madeira dos colonizadores. Os navios debatiam-se na noite escura contra as massas de água, seus motores a vapor trabalhavam com força total e lutavam contra as ondas a fim de diminuir o ataque mortal às correntes da âncora — por uma noite, um dia e mais uma noite. As luzes já tinham se apagado havia muito; qualquer tipo de comunicação entre os navios, interrompida; e também a bordo não era mais possível, já que o furacão abafava na noite a transmissão das ordens dos comandantes. Em seguida, a água entrou nas salas de máquinas, apagou o fogo sob as caldeiras, as correntes das âncoras se romperam, os navios se chocaram mutuamente e contra o recife, parafusos de navios entortaram e lemes foram arrancados, e na manhã do terceiro dia de tempestade quatro navios tinham sido arruinados nos recifes e dois jogados na praia. Perderam a vida 51 marinheiros americanos e 150 alemães. Os dois navios encalhados na praia — o alemão *Olga* e o americano *Nipsic* — foram rebocados de volta ao mar duas semanas mais tarde. Os outros quatro permaneceram nocauteados e décadas mais tarde continuavam a obstruir as docas.* Na

* O *Nipsic* ainda serviu à Marinha americana por 20 anos no porto de Puget Sound (Washington), fortemente amarrado e coberto, como um navio-prisão. Em 1913 a Marinha vendeu o navio a um empresário da iniciativa privada, que o reformou como um rebocador. O *Olga* retornou a águas alemãs, serviu como navio-escola da artilharia no Báltico

Alemanha e nos Estados Unidos, o susto com a catástrofe foi tão grande que todos os planos de guerra foram encerrados e as ilhas de Samoa foram declaradas zona neutra.

Naquele 7 de dezembro de 1889 toda a cidadezinha mobilizou-se para saudar o *Equator* e os recém-chegados. Louis, Lloyd e Fanny fizeram um passeio de reconhecimento pelo lugar e deixaram que a colorida gente das praias que povoava a rua e os bares os observasse. Cerca de 300 brancos viviam em Samoa. Algumas dezenas eram comerciantes a serviço da Sociedade Alemã de Comércio; era possível reconhecê-los por seus ternos impecavelmente brancos, as maçãs do rosto bem barbeadas e os bigodes cuidadosamente aparados. Essa imagem oferecia um grande contraste em relação à maioria dos outros forasteiros, que não se barbeavam, vestiam-se da maneira mais confortável possível com pijamas desbotados e encontravam algum meio de subsistência como donos de pensão, pequenos lavradores ou comerciantes, que compravam cocos dos nativos e os revendiam à Sociedade Alemã de Comércio. Finalmente, como em todos os portos do Pacífico, havia também em Apia algumas dezenas de perdidos: marinheiros desertados, comerciantes falidos, artistas fracassados, prisioneiros fugitivos e aristocratas arruinados de todos os cantos do mundo, que haviam aportado aqui e que passavam seus dias e suas noites debaixo de telhados de folhas de palmeira construídos por eles mesmos, que se alimentavam de frutas silvestres da floresta e que eventualmente trabalhavam

e no mar do Norte, seguindo para desmanche em 1908. O *Adler* está até os dias de hoje no porto de Apia. Em 1971 seu casco preto ainda se destacava contra o céu; mais tarde foi coberto com areia e pedras vulcânicas no grande aterro do porto. Ele descansa no grande parque do estacionamento a leste do Banco Central de Samoa. (N. do A.)

algumas horas numa fazenda, caso não fosse possível conseguir *schnaps* de outra maneira.

Entre todas essas pessoas estava um homem discreto, em um terno preto bastante mal cuidado, que é preciso levar em conta: o missionário presbiteriano William Edward Clarke. Ele ainda se mantinha em segundo plano, mas dentro de três semanas se tornaria o melhor amigo de Louis. William Clarke tinha sido incumbido pela Sociedade Missionária de Londres para construir igrejas e escolas para os samoanos e, além disso, ocupar-se do bem-estar espiritual da população europeia. Tinha apenas 35 anos, mas sua barba grisalha pontuda fazia-o parecer bem mais velho. Ele chegara a Apia havia sete anos, juntamente com sua jovem esposa Ellen, com quem se casara três semanas antes da partida, em sua cidade natal St. Columb, na Cornualha. Clarke rapidamente se sentiu em casa em Samoa, mas sua Ellen não. Ela sofria com o clima mortal dos trópicos, sentia falta da família e dos amigos, carecia das comodidades da civilização britânica. Depois de apenas dois anos, ele pediu demissão e voltou à Cornualha com a esposa. Mas logo se sentiu irresistivelmente atraído de volta a Samoa. Por que exatamente não se sabe. Seja pelo fato de não suportar mais a formalidade inimiga dos sentidos de sua pátria, ou seja, pelo chamado de uma ideia, um objetivo, um plano — de qualquer maneira, já um ano depois, William e Ellen Clarke voltavam a Apia, em 17 de julho de 1887.

Muitos anos mais tarde, Clarke ainda se lembraria daquele primeiro encontro com Louis. “Um pequeno grupo de três europeus desconhecidos veio ao meu encontro, dois homens e uma mulher. Ela usava um vestido largo das nativas, um xale escocês brilhante nos ombros e, na cabeça, um chapéu de palha decorado com pequenas conchinhas das

ilhas Gilbert. No pescoço, havia um colar de frutinhas es-carlates, nas costas um bandolim. Seu cabelo era muito preto, o rosto queimado de sol. Brincos em forma de meia-lua, dourados, enfeitavam suas orelhas, e seus pés nus calçavam sapatilhas brancas de algodão. No meio do grupo, havia um homem alto, magro, de camisa de mangas, com uma capa de veludo jogada nos ombros. Ele usava um boné branco de velejador e calças de flanela também brancas, que algum dia devem ter sido limpas. Da boca pendia um cigarro, na mão balançava por uma alça uma câmera fotográfica. Um jovem andava à sua esquerda. Ele usava um pijama listrado — a vestimenta de lazer habitual da maioria dos comerciantes europeus no Pacífico Sul — e um chapéu de palha de abas largas e óculos de sol azul-escuros. Em uma das mãos ele carregava um banjo, na outra, um acordeão. Os três pareciam ter acabado de descer daquela pequena escuna, que agora estava ancorada tão pacificamente. Minha primeira impressão foi a de que eram artistas mambembes do teatro de variedades rumo à Austrália ou aos Estados Unidos, que viajavam a bordo de um navio cargueiro barato porque tinham pouco dinheiro.”³

Naquela época, havia apenas um hotel em Apia, o “Tivoli”, e não era muito limpo. Harry Moors convidou os Stevenson para, inicialmente, morar na casa dele. Se acreditarmos em suas memórias, ele se encantou por Louis à primeira vista: “Ele não era um homem bonito, mas sua presença tinha algo irresistivelmente atraente. Era como se o duende que nele habitava brilhasse através de seu rosto, e eu estava encantado por seus olhos vivazes, curiosos. Eles eram castanhos e extraordinariamente brilhantes, e pareciam penetrar as pessoas como os olhos de um hipnotizador. Percebi imediatamente

que sua saúde não estava das melhores, pois estava escrito em seu rosto. Ele me pareceu muito nervoso, tenso e facilmente irritável. Quando o levei a terra, parecia enfraquecido; mas mal chegamos à rua — Apia é formada, por assim dizer, de apenas uma rua — ele começou a correr de um lado para o outro, de maneira mais animada, para não dizer excêntrica. Ele não conseguia ficar quieto. Mal chegou à minha casa, e me metralhou com perguntas, andava inquieto para cima e para baixo sem parar, falando de todos os assuntos possíveis sem qualquer relação entre eles. Sua mulher era igualmente elétrica, e Lloyd Osbourne não ficava para trás. A longa, solitária viagem de navio deve tê-los afetado bastante, e estavam felizes por terem voltado a terra.”⁴

No dia seguinte, Louis foi até Moors, pegou um cavalo emprestado e começou, de forma muito responsável, as pesquisas para sua reportagem. Ele esperou a chuva parar e, entre dois pés-d’água, foi chapinhando na lamacenta rua principal no lado leste da baía, até o Colonel de Coëtlogon, o cônsul inglês, a fim de entrevistá-lo sobre o passado recente de guerras em Samoa. Em seguida, retornou galopando até a casa de Moors para transcrever a conversa; lançou-se novamente à sela para falar com o líder samoano Mataafa; apressou-se de volta à escrivania e anotou tudo; cavalcou novamente a largo galope no leste da cidade até o cônsul-geral alemão Becker; e de volta à escrivania; e em seguida ao cônsul norte-americano Harold M. Sewall. Durante uma semana, Louis esteve incansavelmente em trânsito — para lá e para cá pela única rua.

“Anteontem fui parado no meio da rua e punido com uma multa por cavalgar rápido. Confesso que fiquei bastante irritado; afinal, a esposa do diretor da Sociedade Alemã

quase me atropelou por duas vezes — e parece que ninguém ousa falar com essa mulher.”⁵

Assim passavam-se os dias. Mesmo no Natal a situação permanecia a mesma. Louis aprofundou-se na história de Samoa, mas sem desenvolver uma ligação especial com a ilha; e nada indicava que dali a apenas duas semanas os Stevenson se fixariam para sempre em Samoa. Em 29 de dezembro, Stevenson escreveu a um amigo de faculdade, o advogado de Edimburgo Charles Baxter: “Samoa, pelo menos Apia, é muito menos bonita do que as Marquesas ou o Taiti: a paisagem é muito monótona, as colinas são mais suaves, a natureza menos selvagem; além disso, há as grandes plantações alemãs com suas inúmeras e idênticas alamedas de palmeiras, que, por sua vez, tornam o passeio mais agradável. Não acho os samoanos especialmente interessantes, mas educados, e as mulheres são muito bonitas e bem-vestidas. Os homens têm boa compleição física, grandes, esguios e imponentes. Amanhã, segunda-feira — não tenho certeza absoluta, mas hoje é domingo entre Natal e ano-novo —, amanhã, ou seja, segunda-feira, vou fazer uma viagem de reconhecimento margeando a costa num pequeno bote com Mr. Clarke. Nós vamos procurar escolas, visitar Tamasese* e outras coisas. Lloyd nos acompanhará

* Tamasese era um chefe samoano de grande influência. Não se sabe se ele realmente se encontrou com Robert Louis Stevenson na passagem de 1889-1890. Historicamente afiançado está que Tamasese viajou para a Alemanha em 1910 a bordo de um vapor alemão carregado de cocos — uma visita de Estado, segundo ele. Depois da chegada a Hamburgo, porém, foi colocado atrás de grades no zoológico — juntamente com a esposa, o filho e as filhas, além de outras oito meninas e algumas crianças que os acompanhavam. Tamasese deveria distrair a população hanseática com dança, lutas e o preparo de *kava*, a bebida nacional. Como isso não parecia adequado a Tamasese, ele foi para a rua, entrou

como fotógrafo. Tomara que o tempo esteja bom. Estamos no meio do período de chuvas, e a viagem levará quatro ou cinco dias. Se não chover, serei agradavelmente surpreendido. Se chover, será horrível. Escrevo estas linhas da varanda de Moors. Um vento está soprando exatamente agora. As portas se fecham, e as janelas começam a bater. Uma forte corrente de ar passa pela varanda. Isso não é um bom prenúncio para amanhã.”⁶

Isso é interessante: naqueles dias de Natal o missionário William Clarke e Robert Louis Stevenson tinham se tornado tão amigos, que emprendiam juntos viagens de reconhecimento. Seria interessante dispor de mais detalhes desse encontro dos dois homens — pois foi nesse dia que Louis decidiu permanecer em Samoa para sempre; uma decisão estranha, sem qualquer prenúncio anterior. Por que será que ele, que nos anos de juventude havia se voltado ao ateísmo, foi se encantar justamente por um missionário barbudo perdido em Samoa? Quais foram os propósitos e os objetivos da excursão? Quanto tempo durou? E quais eram os tipos de descobertas que queriam fazer, e o que exatamente os dois amigos descobriram nessa viagem?

no primeiro carro e gritou: “Otto Riedel!” Esse era o nome de um comerciante de Hamburgo que tinha trabalhado durante muitos anos na Sociedade Alemã de Comércio e de Plantio. O motorista desconhecido reagiu com muita presteza, procurou o endereço de Riedel na lista telefônica e levou o chefe samoano até a Adolphstrasse. A partir de ingerências de Riedel, o clã Tamasese passou a ser tratado de maneira mais digna. Em Munique, o rei Ludwig o visitou, em Berlim ele participou de uma parada no Tempelhofer Feld e foi apresentado ao imperador Guilherme II. (Otto Riedel: *A luta pela Samoa alemã*. Berlim, 1938, p. 218 e segs.) (N. do A.)

Infelizmente, o missionário Clarke não mencionou nem uma vez a excursão no seu relatório anual à central de Londres.⁷ E também entre as fotografias de Lloyd não se encontra nenhum daqueles dias. Assim, as únicas fontes que restam são as anotações a mão de Louis, segundo as quais a viagem de reconhecimento alcançou algumas dezenas de milhas a leste da costa norte de Upolu, e que realmente vistoriaram escolas e visitaram Tamasese e “assim por diante”.⁸ A indicação de uma segunda viagem, que Louis supostamente fez um pouco mais tarde sem Clarke, é brevemente citada. Desta viagem sabemos apenas que se dirigiu, a princípio, na direção oposta, rumo à extremidade oeste de Upolu, a 30 quilômetros de distância. Difícil dizer qual era o objetivo pretendido. A oeste da ilha, a sequência de vulcões se transforma numa agradável paisagem de colinas, na qual a Sociedade Comercial Alemã implantou um coqueiral de muitos quilômetros quadrados. Não havia muito a se descobrir por lá. É bem possível que ele tenha deixado a costa de Samoa para trás, rumando para o sul depois de virar o cabo mais a oeste, a fim de visitar uma ou outra ilha perdida. E o fato é que Louis, imediatamente após essa viagem, decidiu investir todos seus bens na compra de um pedaço intransponível de selva.